

## POPPER E O “EFEITO ÉDIPÓ”<sup>1</sup>

Marcos Barbosa de OLIVEIRA<sup>2</sup>

- RESUMO: O tópicó do trabalho é o fenômeno denominado por Popper “efeito Édipo”, e suas implicações para a epistemologia analítico-positivista, em particular para o Princípio de Unidade da Ciência. Com referência a Popper, a tese defendida é a de que ele não teve sucesso na tentativa de resolver as inconsistências geradas em sua obra pelo reconhecimento da possibilidade do “efeito Édipo” nas ciências humanas.
- PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo; positivismo; profecias auto-realizáveis; profecias auto-refutáveis; indeterminismo.

### I

Esta comunicação constitui um fragmento de um trabalho mais amplo, do qual um dos fulcros é a questão da unidade ou diversidade entre as ciências naturais e as ciências humanas. Esses dois grandes domínios do conhecimento se distinguem, é óbvio, por seu objeto; a questão é saber se essa distinção acarreta outras diferenças fundamentais. Do lado dos *naturalistas*, ou seja, dos que defendem a resposta negativa, encontram-se primordialmente os positivistas: Comte, Mill, e, já no século XX, os positivistas lógicos. Seja ou não considerado um positivista, quanto a

---

1 Uma versão ligeiramente diferente deste texto foi apresentada, com o título *De volta ao problema da demarcação*, no III Encontro de Filosofia Analítica, em homenagem a Karl Popper (Florianópolis, setembro de 1995).

2 Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação – Faculdade de Educação – USP – SP – Brasil.

esta questão, Popper está com certeza alinhado com eles. A partir da década de 1950, a filosofia da ciência positivista-popperiana foi submetida a severas críticas por parte de Quine, Hanson, Toulmin, Kuhn, Feyerabend e outros. Nenhuma dessas críticas, entretanto, incidiu sobre o princípio da unidade da ciência. Na verdade, embora de maneira menos enfática, às vezes apenas implícita, a posição naturalista é comum a toda a filosofia anglo-saxônica, ou, como prefiro chamá-la, à *tradição analítico-positivista*.

A linhagem dos antinaturalistas, isto é, dos defensores da tese de que existem diferenças essenciais entre as ciências naturais e as ciências humanas, começa com a escola histórica alemã de princípios do século passado, à qual se associam os nomes de Humboldt, Niebuhr e Scheleiermacher. Relacionada a essa escola, porém pertencendo a um período posterior, a contribuição de Wilhelm Dilthey é decisiva: ele não apenas formula a questão em pauta de maneira bem clara e explícita, mas também atribui a ela um lugar proeminente em sua filosofia. Dilthey teve uma influência profunda sobre Weber e, direta e indiretamente, sobre o *marxismo ocidental* – vertente à qual pertencem Lukács, a Escola de Frankfurt, Lucien Goldmann e outros.

Em nosso trabalho, defendemos uma forma de antinaturalismo determinada por certo número de diferenças que sustentamos existir entre as ciências naturais e as ciências humanas. Uma delas corresponde ao fenômeno que Popper (1980) denominou “efeito Édipo” n’*A miséria do historicismo* – na medida em que, a nosso ver, sua possibilidade está restrita ao domínio das ciências humanas. Mas se a consideração do “efeito Édipo” favorece a posição antinaturalista, como isto se conciliaria com o naturalismo de Popper? Essa é a pergunta que o presente trabalho se propõe a responder.

## II

Por motivos a serem explicados a seguir, adotamos em muitas passagens deste texto o termo *prognoplasia* no lugar de “efeito Édipo”. A prognoplasia consiste no fenômeno em que o anúncio de uma previsão ou prognóstico tem um impacto sobre a ocorrência do próprio evento previsto.

Uma vez formulado o conceito, surge imediatamente a idéia de uma dicotomia entre dois tipos básicos. De um lado, as prognoplasias *positivas*: aquelas em que a divulgação do prognóstico tende a fazer que o

evento previsto ocorra, ou, no caso extremo, efetivamente ocasiona sua ocorrência. As prognoplasias positivas costumam ser chamadas de *profecias auto-realizáveis* (*self-fulfilling prophecies*). Como exemplo, pode-se citar o caso da inflação: a divulgação de um prognóstico de que a inflação vai subir pode provocar uma reação preventiva nos agentes econômicos formadores de preços (“se a inflação vai subir, é melhor que eu me defenda aumentando os preços de minhas mercadorias”) que tende a fazer que a inflação de fato se eleve.

O segundo tipo, obviamente, é o da prognoplasia *negativa*, correspondente às chamadas profecias *auto-refutáveis*, ou *suicidas* (Nagel, 1961, p.468) – aquelas cuja divulgação tende a fazer que o evento previsto não ocorra. Recorrendo novamente ao domínio da economia, um exemplo é o de uma previsão de que o preço de um determinado produto vai se manter baixo durante certo período de tempo, e depois aumentar. Essa informação pode estimular um aumento imediato da procura pelo produto, do qual resulta uma elevação de seu preço antes do tempo previsto, desmentindo assim a previsão.

Na lenda grega, como se sabe, a previsão do oráculo de que Édipo mataria seu pai gera toda uma cadeia causal de episódios que termina com a realização da profecia. O termo “efeito Édipo” inspira-se, portanto, em um caso de prognoplasia *positiva*, e disso decorre certa ambigüidade: é ou não aplicável também a casos de prognoplasia negativa? Além de razões estilísticas, este foi o motivo para o substituímos pelo termo prognoplasia.

A concepção analítico-positivista da ciência é, evidentemente, uma concepção empirista, em que as observações desempenham um papel fundamental na seleção das teorias. Dada uma teoria referente a algum domínio da realidade, extrai-se dela, com auxílio de enunciados que especificam as condições iniciais, previsões de eventos observáveis. É o sucesso ou fracasso dessas previsões que determina o destino da teoria, se ela é aceita, mesmo que provisoriamente, ou então rejeitada. O papel exato das observações pode variar de uma para outra entre as várias tendências da tradição analítico-positivista. Para os positivistas lógicos, por exemplo, uma previsão bem-sucedida se constitui em evidência favorável num sentido positivo, isto é, numa confirmação da teoria em questão. Já para Popper (1980), o sucesso de um prognóstico corresponde apenas a uma *corroboração* da teoria, sendo a corroboração, da maneira como ele a caracteriza, uma relação mais fraca que a confirmação, ou verificação dos positivistas.

Em versões mais recentes da concepção analítico-positivista da ciência, é mais sofisticada a análise que se faz da relação entre teorias e

observações. A impregnação teórica – a *theory-ladenness* – das observações, ou seja, o fato de não existirem observações puras, isentas de elementos teóricos, é mais enfatizada e, em Kuhn (1975), por exemplo, o fracasso de uma previsão não leva necessária e automaticamente à rejeição da teoria. Um episódio de tal tipo, segundo este autor, constitui, em princípio, apenas uma *anomalía*, que pode ser por um bom tempo desconsiderada pelos cientistas, e somente em determinadas circunstâncias gera uma crise, a ser eventualmente superada por uma revolução científica. É só depois da revolução que a anomalia passa a ser vista, retrospectivamente, como um resultado observacional que refutava a teoria anteriormente aceita. Mesmo em Kuhn (1975), entretanto, o conceito de previsão continua a desempenhar um papel fundamental na dinâmica do desenvolvimento científico. O sucesso das previsões constitui, dentro de cada paradigma, a medida da adequação das aplicações da teoria que forma seu cerne a domínios particulares de fenômenos; sem o fracasso de previsões, por outro lado, não haveria anomalias, sem anomalias não existiriam revoluções, e sem revoluções o desenvolvimento da ciência seria muito diferente daquilo que o estudo de sua história nos revela.

Pois bem, a noção de previsão, que desempenha um papel tão central nessas concepções de método científico, já traz em si o pressuposto de que o sucesso ou fracasso de cada previsão não pode depender do fato de ela ter sido emitida pelos cientistas. Sem esse requisito, claramente não podem as observações desempenhar o papel de pedra de toque para a seleção das teorias. Retornando por um momento ao exemplo esquemático da inflação, se a previsão de que a inflação vai subir tem como efeito sua elevação, e, conversamente, a previsão de que vai cair tem como efeito sua queda, então as duas elaborações teóricas – necessariamente incompatíveis entre si – das quais decorrem as previsões, poderiam ambas ser hipoteticamente corroboradas pelo sucesso de suas previsões. Em conclusão, pode-se afirmar que a negação da prognoplasia já está contida no próprio conceito de previsão, tal como este é utilizado na tradição analítico-positivista. Ou, em outras palavras, às investigações em que ocorre a prognoplasia, a concepção analítico-positivista da ciência não se aplica.

### III

No que se refere à possibilidade da prognoplasia nas ciências humanas, não há dúvida de que Popper a reconhece – isto fica claro em muitas passagens de seus escritos que mencionam o “efeito Édipo”, além d’ *A miséria do*

*historicismo* (Popper, 1974, p.35-6; s.d, p.68; 1977, p.129-30.) Quanto às implicações desta possibilidade, por outro lado, é necessário proceder com cautela. *A miséria do historicismo* é dividida em quatro partes; as duas primeiras *expõem* as doutrinas respectivamente antinaturalistas e naturalistas daquilo que Popper (1980) denomina historicismo,<sup>3</sup> enquanto as duas últimas, seguindo a mesma ordem, fazem a crítica a essas doutrinas. O “efeito Édipo” é introduzido na primeira parte; as afirmações sobre suas conseqüências não representam portanto, necessariamente, as opiniões de Popper; são afirmações que Popper atribui aos historicistas da vertente antinaturalista.

A primeira dessas conseqüências é a de que a possibilidade do “efeito Édipo” dificultaria a formulação, nas ciências humanas, de previsões exatas e bem-sucedidas. Em suas palavras:

Notam eles [os historicistas da vertente antinaturalista] que absurdas conseqüências decorreriam da presunção de que as ciências sociais venham a desenvolver-se até o ponto de permitir antecipações científicas *precisas* com respeito a todas as espécies de fatos e eventos sociais, e que esta presunção pode, portanto, ser refutada com base em argumentos puramente lógicos. Em verdade, se esse novo tipo de calendário social fosse elaborado e se tornasse conhecido (não poderia ser conservado em segredo por muito tempo, de vez que qualquer pessoa teria, em princípio, como descobri-lo), ele certamente provocaria ações que perturbariam as previsões possibilitadas. Suponhamos que fosse previsto, por exemplo, que o valor de certas ações se elevaria durante três dias para, depois, cair. É óbvio que todas as pessoas ligadas ao mercado efetuariam vendas no terceiro dia, levando a uma queda de preço naquele dia e falseando a previsão. Em suma, a idéia de um exato e pormenorizado calendário de eventos sociais é autocontraditória, e predições sociais científicas *exatas e pormenorizadas* são, conseqüentemente, impossíveis. (Popper, 1980, p.14)

Ainda de acordo com os historicistas, tal como Popper os vê, uma segunda conseqüência da possibilidade da prognoplasia seria a de que esta destruiria a própria *objetividade* das ciências humanas. O raciocínio é o seguinte: admitindo-se a possibilidade de que prognósticos neste domínio tenham um impacto sobre os eventos previstos, é natural supor que os cientistas mais cedo ou mais tarde se dêem conta disso. Em decorrência, a formulação de previsões pode não ficar restrita à dimensão cognitiva, tornando-se um meio de moldar a realidade social. Passemos de novo a palavra a Popper (1980):

---

3 Uma crítica a nosso ver demolidora da concepção popperiana de historicismo é formulada por Marcuse em “Karl Popper and the problem of historical laws”. (Agradecemos à Prof<sup>a</sup> Isabel Maria Loureiro por essa indicação.)

A interação entre os pronunciamentos dos cientistas e a vida social cria, quase invariavelmente, situações em que temos não apenas de considerar a verdade de tais pronunciamentos, mas também sua efetiva influência sobre desenvolvimentos futuros. Talvez o cientista social se esteja empenhando em alcançar a verdade, mas sempre estará, ao mesmo tempo, exercendo definida influência sobre a sociedade. O próprio fato de que seus pronunciamentos *exercem* influência destrói-lhes a objetividade.

Presumimos, até agora, que o cientista social realmente (Popper, 1980, p.16) se esforça por atingir a verdade, e apenas a verdade. O historicista observará, porém, que a situação descrita faz patentes as falhas de nossa presunção. Com efeito, se as predileções e os interesses influem dessa maneira sobre o conteúdo das teorias e das previsões científicas, torna-se altamente duvidoso que as tendenciosidades possam ser identificadas e evitadas. Assim, não nos deve surpreender o fato de, nas ciências sociais, haver muito pouco do que poderia lembrar a objetiva e ideal busca da verdade que em física se patenteia. Cabe esperar que, nas ciências sociais, manifestem-se tantas tendências quanto as que se manifestam na vida social; haverá tantas posições quantos são os interesses.<sup>4</sup>

#### IV

É desnecessário enfatizar o quanto essas colocações estão em choque com os princípios defendidos por Popper (1980), em particular o princípio da unidade da ciência. Tendo em vista a seqüência de partes, já mencionada, d'*A miséria do historicismo*, seria de se esperar que na terceira, intitulada precisamente "Crítica das doutrinas antinaturalistas", Popper apresentasse uma refutação dos pontos de vista expressos nas citações acima. Não é isso, entretanto, o que acontece: é em vão que se vasculha, não só a terceira parte, mas todo o texto d'*A miséria do historicismo*, à procura de argumentos que se contraponham às teses antinaturalistas, no que se refere às implicações do "efeito Édipo". Uma hipótese para explicar tal omissão seria simplesmente a de que Popper não disporia de tais argumentos. Essa hipótese é confirmada por um depoimento de nosso próprio autor. Em sua *Autobiografia intelectual*, ele diz textualmente ter acreditado, por algum tempo, "que a existência do 'efeito Édipo' fosse capaz de servir como critério de distinção entre as

---

4 Nesta citação e na anterior, os itálicos provêm do original.

ciências naturais e as sociais” (Popper, 1977, p.130). Foi somente alguns anos após ter escrito *A miséria do historicismo* que Popper conseguiu formular uma refutação a seu ver satisfatória de sua convicção anterior. Essa refutação – é ainda ele que nos conta em sua autobiografia – constituiu-se no germe do artigo *Indeterminism in quantum physics and in classical physics*, de 1950. (Daqui por diante vamos abreviar o nome deste artigo para Indeterminism...)

*A miséria do historicismo*, vamos lembrar, foi publicado inicialmente em partes, nos volumes 11 (1944) e 12 (1945) do periódico *Economica*. Em forma de livro, a obra aparece em inglês em 1957; para esta edição Popper redigiu um prefácio em que expressava sua insatisfação com *Indeterminism...*, e prometia um tratamento mais adequado das questões no *Postscript: after twenty years* (que esperava publicar em breve, mas que, como se sabe, só veio a aparecer em 1982).

A parte do *Postscript* (Popper, 1982) relevante para as questões em pauta é o segundo volume, intitulado *The open universe: an Argument for Indeterminism*. As declarações de Popper nos autorizam a ler este texto, bem como o *Indeterminism...*, pelo prisma do naturalismo, ou, mais precisamente, como pretendendo conter uma refutação da tese de que a possibilidade do “efeito Édipo” nas ciências humanas constitui uma diferença importante entre estas e as ciências naturais. Este é, na verdade, o ângulo de análise que nos interessa no presente contexto. Ambos os textos em pauta, entretanto, são apresentados de uma outra forma, a saber, como uma defesa de posições indeterministas – e isto está refletido já em seus títulos.

*Do ângulo que nos interessa*, os dois escritos não atingem seu objetivo. Vejamos por quê. As passagens relevantes para a questão do “efeito Édipo” têm como meta mostrar que certo tipo de imprevisibilidade, usualmente considerado como exclusivo da mecânica quântica, ocorreria também do domínio da mecânica clássica. As diferenças entre *Indeterminism...* e o *Postscript* não afetam as considerações que faremos a seguir; por esse motivo, não há mal em recorrer a uma passagem da primeira dessas obras para explicar a tática de Popper para atingir seu objetivo:

Nosso procedimento será o de considerar algumas das propriedades, e especialmente as limitações, do que chamaremos um “previsor”, ou seja, uma máquina de calcular e prever que funciona segundo as leis da mecânica clássica, e que é construída de modo a produzir registros permanentes de algum tipo (tal como uma fita com perfurações) passíveis de serem interpretadas como previsões de posições, velocidades e massas de partículas físicas. Será demonstrado que tal máquina nunca pode prever completamente cada um de seus próprios estados

futuros, e conseqüentemente também não poderá prever os estados do que chamaremos seu "ambiente" (próximo), isto é, a parte do mundo com a qual ela interage (fortemente). Tal máquina, além disso, nunca pode prever completamente, ou ser prevista por qualquer máquina suficientemente similar com a qual ela interaja. Assim, se chamamos um conjunto de previsores similares em interação de uma "sociedade", então podemos dizer que nenhum membro de tal sociedade pode prever completamente os estados futuros desta sociedade, ou de qualquer de seus membros. (Popper, 1950, p.118)

As ressonâncias dessa passagem com o "efeito Édipo" são bastante evidentes, e assim não é necessário explicitá-las. Vamos supor agora que a tática popperiana baseada na postulação de "previsores" atinja o objetivo declarado de *Indeterminism...*, (Popper, 1950) qual seja, o de demonstrar que certo tipo de imprevisibilidade não é exclusivo da física quântica. A questão é: será que essa demonstração serviria também para bloquear as implicações antinaturalistas da possibilidade da prognoplasia nas ciências humanas?

Nas discussões sobre essa possibilidade, os seres humanos figuram como previsores, mas a questão de sua natureza – se consistem em sistemas clássicos ou quânticos – aparece como totalmente irrelevante. Por outro lado, se situarmos o estudo dos "previsores" popperianos no domínio da física, então poderíamos inferir que a prognoplasia também ocorreria nesta que é a ciência natural por excelência. A estratégia que se configura seria então a de bloquear as implicações antinaturalistas da prognoplasia, alegando que o fenômeno também pode se dar nas ciências naturais. Sendo assim, a possibilidade da prognoplasia, não daria origem a uma diferença entre as ciências humanas e as ciências naturais.

Embora em princípio eficaz em relação à meta de preservar o naturalismo, tal estratégia tem conseqüências desastrosas para um outro componente fundamental da filosofia de Popper. Já mostramos acima que o empirismo da epistemologia popperiana (e de toda a tradição analítico-positivista) é solidário a uma concepção de previsão que exclui a possibilidade da prognoplasia. Se essa possibilidade é afirmada nas ciências naturais, então, de fato a diferença entre estas e as ciências humanas fica anulada; o preço a pagar por essa manobra entretanto é muito alto: corresponde a uma colocação em xeque, em relação às ciências naturais, do princípio empirista que atribui às observações um papel crucial na seleção de teorias. Para os empiristas, a estratégia em pauta constitui-se então, pode-se dizer, numa manobra suicida.

Essas considerações, entretanto, não são suficientes para que se rejeite a estratégia popperiana. Afinal, para os partidários do racionalismo,



mesmo o princípio empirista não pode ser colocado como dogma. Se existem bons argumentos que implicam sua rejeição, que assim seja. Não é esta, entretanto, a alternativa que subscrevemos, mas sim a de preservar o princípio empirista nas ciências naturais, ao mesmo tempo que se aceitam as implicações antinaturalistas da prognoplasia. Para sustentar tal posição, temos, portanto, que nos haver com os argumentos de Popper baseados na postulação de “previsores”.

Essa tarefa, na verdade, não é das mais difíceis. Os “previsores” popperianos são entidades abstratas, não existem na realidade física. Os únicos sistemas realmente existentes cuja natureza se aproxima da de tais previsores são os seres humanos. Mas sendo assim, é muito mais razoável considerar o estudo dos previsores, como pertencendo ao domínio das ciências humanas, e não ao das ciências naturais. Como a discussão nos escritos de Popper tem como pano de fundo uma comparação entre a física clássica e a quântica, a sugestão que fica é a de que o estudo dos “previsores” pertenceria a esta disciplina, ou seja, à física. Se, por outro lado, analisarmos a questão do ponto de vista da oposição naturalismo/antinaturalismo, então as diferenças entre os dois ramos da física ficam irrelevantes, e isso nos permite constatar ser muito mais adequado situar o estudo dos previsores nas ciências humanas.

A conclusão, portanto, é a de que Popper estava certo quando reconhecia as implicações antinaturalistas do “efeito Édipo”, e errado quando passou a acreditar ter conseguido bloqueá-las. Tal constatação, entretanto, corresponde a apenas um dos tópicos que teriam de ser estudados, caso o objetivo fosse o de levar a cabo um estudo completo da questão do naturalismo na obra de Popper. Alguns dos outros tópicos serão contemplados no trabalho mais amplo mencionado logo no início, do qual a presente comunicação é apenas um fragmento.

OLIVEIRA, M. B. de. Popper and the Oedipus effect. *Trans/form/ação* (São Paulo), v.21-22, p.33-42, 1998-1999.

- *ABSTRACT: The theme of the paper is the phenomenon which Popper labelled ‘Oedipus effect’, and its implications for the analytical-positivist epistemology, especially for the Principle of the Unity of Science. As far as Popper is concerned, it is claimed that he was unsuccessful in his attempt to overcome*

*the inconsistencies generated in his work by the acknowledgement of the possibility of the Oedipus effect in the human sciences.*

- **KEYWORDS:** *Naturalism; Positivism; self-fulfilling prophecies; self-refuting prophecies, Indeterminism.*

## **Referências bibliográficas**

- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MARCUSE, H. Karl Popper and the problem of historical laws. In: \_\_\_\_\_. *From Luther to Popper*. London: Verso, 1972. p.191-208. (Originalmente publicado como Notes on the problem of historical laws. *Partisan Review*, v.36, n.1, 1959).
- NAGEL, E. *The Structure of Science: problems in the logic of scientific explanation*. New York: Harcourt, 1961.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Trad. de Sérgio Bath. Brasília: Editora da Unb, s.d. (Tradução da 4.ed. Londres: Verso, 1972).
- \_\_\_\_\_. Indeterminism in quantum physics and in classical physics. *The British Journal for the Philosophy of Science*, v.1, p.117-33, 173-95, 1950.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. São Paulo: Edusp, Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Autobiografia intelectual*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny S. da Mota. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1977.
- \_\_\_\_\_. *A miséria do historicismo*. Trad. Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1980.
- \_\_\_\_\_. *The Open Universe: an argument for indeterminism*. London: Hutchinson, 1982. (Postscript: after twenty years, 2).